



1º TENENTE MADDÊO

Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros de Selva durante a Operação CORE 24, nos Estados Unidos da América.

UM PELOTÃO DE FUZILEIROS NA OPERAÇÃO CORE 24

A edição 2024 do exercício (Exc) *Combined Operations and Rotations Exercises* (CORE) ou Operação (Op) CORE, possibilitou o intercâmbio entre o Exército Brasileiro (EB) e o Exército dos Estados Unidos da América (EEUA) em solo norte-americano.

O evento favoreceu o desenvolvimento e atualização das Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) dos pequenos escalões para a defesa do território nacional em combates contemporâneos.

O EB destacou a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva (1ª Cia Fuz SI) do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), sediado em Marabá (PA) para o Exc. Essa subunidade (SU) é conhecida como “Pioneira” e, em território norte-americano, foi denominada *Pioneer Company*.

A CORE 2024 ocorreu no *Joint Readiness Training Center* (JRTC) do EEUA, quando a Pioneira integrou o 1º Batalhão do 26º Regimento de Infantaria (1/26 IN, na sigla em inglês) da 101ª Divisão Aeroterrestre (101 ABN DIV) do EEUA.

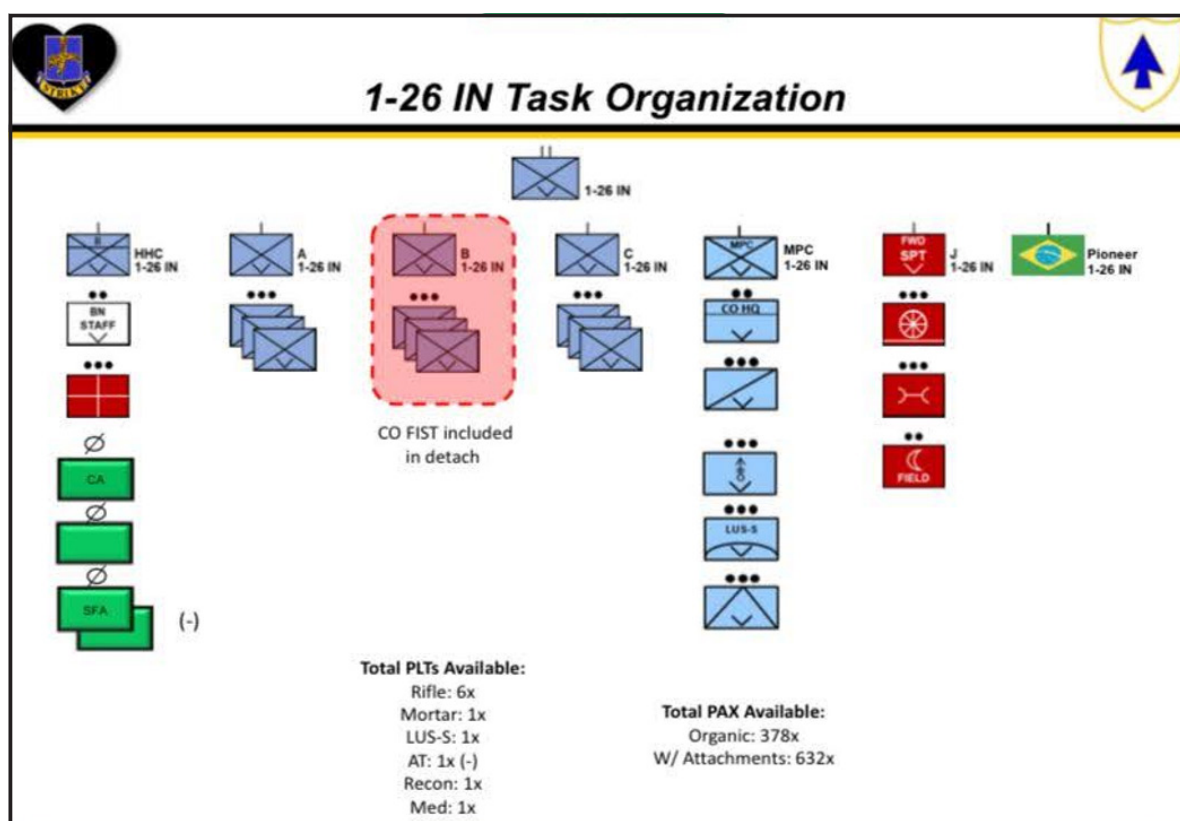


Fig 1 – Organograma do 1/26 IN do EEUA

Fonte: Ordem de Operações do 1/26 IN.

O treinamento desenvolvido até o CORE 24 foi intenso e teve início há aproximadamente dois anos. Desde a primeira atividade de preparação até a CORE 24, foram realizados nove Exc denominados “Munduruku”, voltados para a capacitação da SU em todos os níveis. Além disso, foi realizada a Op CORE 23, em Macapá (AP), onde uma SU norte-americana atuou em

território brasileiro. O ciclo foi concluído com a CORE 24, no JRTC.

Este trabalho tem como finalidade apresentar as ações de um Pelotão de Fuzileiros de Selva (Pel Fuz SI), de constituição padrão, acrescido de um sargento auxiliar de saúde, no Exc CORE 24, destacando os pontos fortes, as oportunidades de melhoria e as constatações realizadas sob a ótica de seu Comandante de Pelotão.

PREPARAÇÃO

A primeira fase ocorreu na região de alojamentos no aeroporto de desembarque (*Aerial Port of Debarkation* - APOD). Nesse local, foram realizadas atividades como a cautela de materiais para a missão, planejamentos e ensaios, além da qualificação de militares com funções específicas, entre outras ações. A

duração dessa fase teve grande importância, contribuindo para a aclimação ao local devido às elevadas temperaturas. Ressalta-se que essa aclimação se mostrou um fator decisivo, em razão das diversas baixas observadas em outras tropas. Contudo, devido à origem da SU ser do norte do Brasil, a aclimação ocorreu de forma mais natural.



Fig 2 – Local de acantonamento

Fonte: o autor.

Foram realizadas atividades importantes, como o recebimento do equipamento MILES, cuja finalidade é similar à do Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET), utilizado no Brasil. Também foram conduzidos *briefings* para esclarecimento

das regras de engajamento durante o Exc, ensaios de embarque e desembarque de aeronaves, inspeções de materiais, ensaios noturnos utilizando optrônicos, além de planejamentos e emissão de ordens de operação.



Fig 3 e 4 – Cautela dos MILES e adestramento com óculos de visão noturna (OVN)

Fonte: o autor.

TTP AEROMÓVEL – Embarque

Ainda sobre as atividades realizadas no período de preparação, destaca-se a instrução de adaptação à aeronave UH-60 *Black Hawk*. Durante essa atividade, foram realizados ensaios de embarque e desembarque utilizando as TTP empregadas pelo EEUA, conforme será descrito a seguir.

Por ocasião do embarque, os militares aguardam a autorização para prosseguir.

Quando acionados, o primeiro a se deslocar é o militar mais antigo (*chalk leader*) designado para aquela aeronave. Ao chegar à porta, ele deposita seu material no solo e permanece no local, coordenando o embarque, conferindo o efetivo e o material de sua fração. O *chalk leader* é o último a embarcar, momento em que sinaliza ao mecânico de voo, por meio de um “ok”, que a tropa está pronta e posicionada em seus respectivos lugares.



Fig 5 – Embarque Aeromóvel

Fonte: COTER.

TTP AEROMÓVEL - DESEMBARQUE

Por ocasião do desembarque, quando a aeronave toca o solo e o mecânico de voo abre as portas, todos os militares lançam seus fardos de combate para fora da aeronave. Em seguida, o *chalk leader* desce primeiro e coordena o desembarque até que o último homem tenha deixado a aeronave.

Ao desembarcar, os militares devem assumir a posição de tiro deitado a uma distância aproximada de quatro passos da aeronave. Os dois primeiros a desembarcar têm a função de balizar os limites laterais da

área que a fração deverá ocupar, enquanto os demais devem se posicionar entre os dois balizadores. Após o desembarque do último militar, o *chalk leader* realiza uma verificação rápida no interior da aeronave, com o objetivo de certificar-se de que nenhum material foi esquecido.

Concluída a inspeção, o *chalk leader* sinaliza um “ok” ao mecânico de voo e ocupa sua posição de tiro deitado na área designada. Essa coordenação indica que a tropa está em segurança na posição, permitindo que o piloto tome ciência de que pode decolar do local.



Fig 6 – Desembarque Aeromóvel

Fonte: o autor.

TTP AEROMÓVEL - REORGANIZANDO APÓS A DECOLAGEM

Por fim, após a decolagem da aeronave, o militar mais antigo coordena a reorganização da tropa. Nesse momento, cada integrante recolhe uma mochila e abandona a área mais exposta, deslocando-se para um local mais seguro, onde a reorganização é consolidada de forma mais detalhada.

Essa TTP representa o que há de mais atual em conflitos no âmbito do EEUA e apresenta características relevantes para o combate real.

Entre os benefícios, destacam-se:

- redução do tempo de exposição dos militares e da aeronave;
- rapidez na definição de setores de tiro;
- controle mais rigoroso do efetivo e do material; e
- aumento da capacidade de reação da fração.

Esses fatores são preponderantes para os ganhos operacionais proporcionados por essa TTP, que viabiliza resultados decisivos em combate, especialmente no contexto de desembarque de aeronaves.

EMISSÃO DE ORDENS

A SU CORE recebeu a missão de realizar um assalto aeromóvel para conquistar e manter a localidade de Sulit, estabelecendo, em seguida, a segurança na Zona de Lançamento (ZL) Berry. O 3º Pelotão desembarcou na Zona de Pouso de Helicópteros (ZPH) Emu, onde realizou contato com elementos norte-americanos para a reorganização.

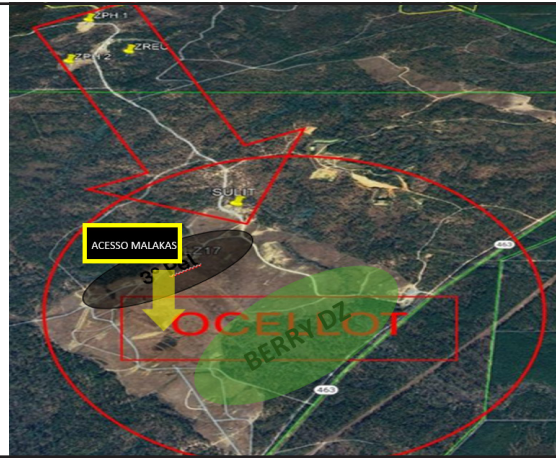


Fig 7 e 8 – Emissão de ordem ao Pel Fuz Sl/Croqui do objetivo

Fonte: o autor.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA DA PRIMEIRA FASE

No que diz respeito às TTP aeromóveis, um ponto a ser aprimorado diz respeito ao momento do desembarque, quando o fardo de combate é lançado ao solo. Observou-se que os norte-americanos priorizam a velocidade, muitas vezes sem o devido cuidado com os materiais sensíveis acondicionados nas mochilas. No caso das tropas brasileiras, em virtude das características de peso elevado e da presença de materiais especiais, é essencial atentar para esse lançamento. Recomenda-se que a mochila seja sempre lançada na posição “em pé” para minimizar o risco de danos aos materiais sensíveis, geralmente acondicionados na parte superior.

Identificou-se também a necessidade de um suporte logístico mais eficiente, especialmente em relação à lavagem de roupas e ao abastecimento de água. Considerando a distância entre o alojamento e o ponto de abastecimento de água na área de acantonamento, sugere-se o emprego de viaturas para facilitar o transporte e atender às demandas de forma mais ágil e eficaz.

EXERCÍCIO DE DUPLA AÇÃO

Esta fase consiste em um combate simulado entre dois exércitos: o batalhão ao qual estamos integrados e o Batalhão Gerônimo, designado como Força Oponente (FOROP).

Uma característica interessante dessa etapa é que os planejamentos são conduzidos de forma independente. Tanto o batalhão

Após o desembarque, foi realizada uma infiltração pelo campo, culminando com a conquista do objetivo em Sulit pela Companhia (Cia). Posteriormente, o Pel foi designado para manter a segurança da porção norte de Sulit, bem como da porção sul de ZL Berry, que dava acesso à localidade de Malakas.

norte-americano quanto o Batalhão Gerônimo realizam estudos de situação e ajustes baseados nos fatores de decisão e na evolução dos acontecimentos em tempo real.

O Batalhão Gerônimo foi criado com inspiração em exércitos reconhecidamente oponentes ao EEUA. Suas possibilidades, meios e capacidades refletem o grande poder que potencialmente pode ser enfrentado em situações reais. Além disso, a utilização dos recursos disponíveis pela FOROP é realizada de forma proporcional à resistência oferecida pelas tropas aliadas nos combates, garantindo um cenário desafiador e realista.

INFILTRAÇÃO

A operação iniciou-se com o embarque das tropas no local de concentração situado na Zona de Embarque.

Uma característica interessante adotada pelo EEUA é como realizam o controle de embarque (*check-in*) dos militares que participarão da infiltração. O militar mais antigo de cada aeronave centraliza os cartões de embarque de sua fração e os entrega a um militar responsável, pertencente à 1ª Seção, que realiza a transcrição dos dados dos integrantes daquela leva. Este procedimento garante o controle nominal de cada militar, associando-o à respectiva aeronave e leva, o que facilita a identificação e o controle em casos de pane ou outros incidentes.



Fig 9 – Controle de efetivos na Zona de Embarque

Fonte: COTER.

Apesar de esse procedimento ocorrer de forma totalmente organizada, momentos antes do embarque nas aeronaves, houve mudanças significativas no plano de embarque. Essas alterações apresentaram vantagens e desvantagens.

Por um lado, os ajustes proporcionaram maior flexibilidade durante o embarque e demonstraram a capacidade da tropa de reagir

rapidamente diante de contingências. Por outro lado, essas mudanças comprometeram a integridade tática, dificultando a reorganização na ZPH Emu. Esse impacto resultou em um tempo maior destinado à reorganização, com a necessidade de realizar tiragens de falta à medida que novas levas chegavam.

Após a reorganização, a infiltração a pé foi conduzida sem mais contingências.



Fig 10 – Reorganização na ZPH Emu

Fonte: COTER.

Um aspecto positivo na infiltração foi a constituição de três equipes de navegação (uma equipe por pelotão). Independente do desembarque em ZPH diferentes e da quebra da coluna de marcha pela dificuldade do uso do OVN, a SU conseguia sempre manter-se reorganizada e coesa durante o itinerário até o objetivo.

ATAQUE À LOCALIDADE E *CHECK-POINT*

Inicialmente, o 3º Pelotão foi designado para compor a reserva da SU. Após a companhia conquistar a localidade de Sulit, que estava fracamente defendida, os pelotões receberam a

missão de defender a extensa área da ZL Berry.

O 3º GC foi posicionado na porção norte de Sulit para realizar a defesa dessa área. Já o 1º GC foi responsável por manter a porção sul da ZL Berry, que dava acesso à região de Malakas. O 2º GC, por sua vez, ocupou a posição que interligava essas frações.

Vale destacar que os 1º e 3º GC estavam no esforço principal para defender a região, sendo reforçados com armas de apoio para aumentar seu poder de combate. Adicionalmente, o apoio do módulo de Engenharia desempenhou um papel crucial, sendo responsável por implementar medidas de contramobilidade que dificultaram as Op das tropas inimigas.

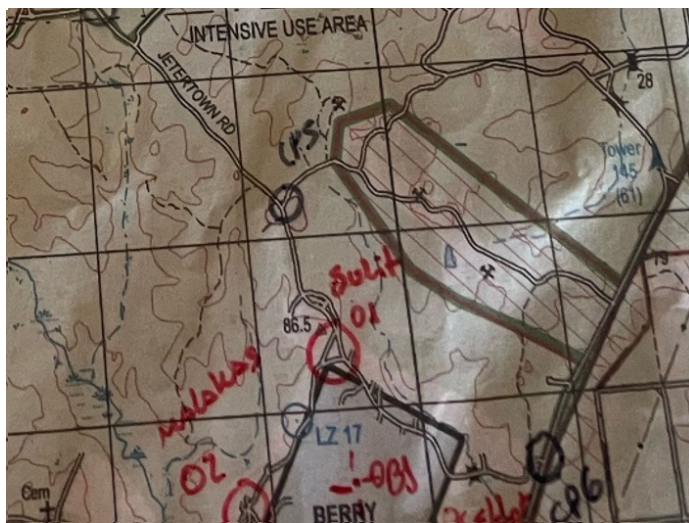


Fig 11 – Croqui de Sulit e ZPH Berry

Fonte: o autor.

Durante a atividade, houve a intervenção do Observador e Controlador de Adestramento (OCA) para a realização da pausa tática, com duração de 4 horas e com a finalidade de reorganizar a tropa e realizar uma Análise Pós-ação (APA). Ao finalizar a pausa, voltou-se, imediatamente, à situação tática anterior.

Houve também alguns contra-ataques inimigos com a finalidade de reconquistarem a localidade de Sulit. Mesmo utilizando diversos meios como blindados e aeronaves, a FOROP não obteve êxito em suas ações.

A região foi ocupada por aproximadamente dois dias, com o bloqueio dos ataques da FOROP realizado conforme o planejamento estabelecido. Durante todo o período, as tropas foram monitoradas por Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP).

Os contra-ataques foram repelidos com sucesso, principalmente devido ao correto emprego das armas anticarro e das demais armas de apoio. Outro aspecto fundamental foi a atuação da Engenharia, que lançou diversos obstáculos, além da integração eficiente com o Oficial de Fogos da SU. Este oficial solicitava as coordenadas dos obstáculos e elaborava o Plano de Fogos de Artilharia correspondente, garantindo a efetividade das ações defensivas.

De acordo com a evolução dos acontecimentos, foi emitida uma ordem para reposicionamento, com a execução de uma Op defensiva na nova área de atuação do batalhão.

DEFENSIVA

Nesta fase da missão, o Pelotão ocupou uma posição defensiva (P Def) em profundidade na porção sul da área de responsabilidade do batalhão norte-americano, conforme indicado

no croqui (Fig 10). A direção geral do avanço inimigo seguia o eixo Leste-Oeste e a missão atribuída ao Pelotão consistia em deter o avanço do oponente, que poderia desbordar a via principal ao aproximar-se pelo campo.

Como segunda linha de ação, considerou-se a possibilidade de o comboio inimigo identificar a presença defensiva e alterar a direção de deslocamento, acessando uma estrada mais ao sul.

Durante a madrugada, foram recebidos informes da 2ª Seção do Batalhão indicando que o comboio inimigo estaria distante da P Def. Entretanto, o barulho do avanço do comboio tornou-se perceptível, indicando que a primeira linha de defesa, conduzida por outra companhia americana, havia sido rompida. Diante disso, foi emitido o alerta oportuno de que um comboio inimigo estava se aproximando da nossa P Def. Tal comboio era composto de aproximadamente 19 viaturas, entre mecanizadas e blindadas, e até mesmo uma viatura de comando.

Devido à eficiente camuflagem e à confecção adequada das tocas, o inimigo não identificou as P Def durante a emboscada. Como reação, abriram fogo na direção da mata, buscando romper o contato.

A surpresa e a agressividade, aliadas a coordenações eficientes, foram fatores-chave para que a companhia brasileira infligisse significativas baixas de pessoal e material ao Gerônimo. Entre as perdas adversárias, destacou-se a neutralização do comandante do Batalhão Gerônimo.

Alguns pontos fortes foram determinantes para o sucesso da ação:

- a camuflagem eficiente dos abrigos;

- o emprego em massa de armas anticarro;
- a disposição oportuna das metralhadoras nos grupos de combate;
- a utilização da metralhadora .50 acoplada à viatura multipropósito HMMWV; e
- a coordenação minuciosa realizada pelos comandantes de fração em todos os níveis.

A ação foi posteriormente denominada pelos norte-americanos como *"The Night of the Shooting Trees"* ("A Noite das Árvores que Atiram"), em reconhecimento ao desempenho da Companhia Pioneira.

SEGUNDA OFENSIVA

Em decorrência da evolução dos acontecimentos, foi emitida uma nova ordem para ocupar e defender a região da ZPH *Hide Away* e preparar-se para uma nova ofensiva com assalto aeromóvel.

Conforme ocorrido na primeira missão, foi realizado um planejamento detalhado pela SU CORE, incluindo o plano de embarque e as contingências previstas para a ação. Para esta fase, o 3º Pelotão foi designado como responsável pela navegação da SU, integrando o esforço principal no objetivo. Por essa razão, foi o primeiro a realizar a infiltração.

De acordo com o planejamento do batalhão, todos os elementos da SU CORE deveriam desembarcar na ZPH Robbin, a cerca de dois quilômetros do objetivo. Essa atividade seria executada somente após outra SU americana estabelecer a segurança da ZPH. Contudo, o Btl não conseguiu contato devido à falha de comunicação via rádio com os elementos responsáveis pela segurança. Assim, assumiu-se o risco de que a primeira leva reconhecesse e verificasse a presença de forças inimigas na área.

Ao pousar na ZPH Robbin, o pelotão foi emboscado por destacamentos de Forças Especiais do Gerônimo, resultando em quase 100% de baixas. Os pilotos identificaram o contato com o inimigo e informaram ao comandante da SU, que decidiu alterar o local de pouso para o plano contingencial, já que o plano alternativo também apresentava riscos.

REFLEXÕES E INDAGAÇÕES

Após a conclusão da ação, surgiram reflexões importantes:

- Considerando a ausência de comunicações com os responsáveis pela segurança, por que não foi alterado o plano para desembarcar em outra ZPH?
- Sabendo que a companhia responsável

pela segurança havia sido atacada horas antes, por que não realizar fogos de preparação na área para saturar a posição antes do pouso?

- Até que ponto é justificável assumir o risco de desembarcar tão próximo do objetivo (cerca de dois quilômetros), sabendo que a proximidade aumenta significativamente a possibilidade de contato imediato com o inimigo?

Além das indagações, foram perceptíveis no terreno algumas situações que podem trazer ensinamentos: se um pelotão de fuzileiros está com a missão de conquistar o principal objetivo da companhia, o ideal é que essa fração seja "preservada" para que se canalize a utilização de todos os seus meios no momento da ação no objetivo. Por exemplo, o 3º Pelotão estava no esforço principal para conquistar o objetivo, logo, um segundo pelotão poderia estar com a missão de navegar e o pelotão reserva poderia infiltrar na primeira leva para realizar a segurança da ZPH e orientar o local de reorganização da SU. Dessa forma, se tornaria mais possível, mais rápido e mais seguro a reorganização de toda a companhia. Além disso, cada fração teria uma tarefa importante em cada fase da missão.

ENSINAMENTOS

Além das reflexões, alguns ensinamentos obtidos no terreno na ótica do Cmt Pel Fuz podem ser aproveitados para fundamentar possíveis adequações na DMT:

- quando um pelotão tem como missão conquistar o principal objetivo da companhia, ele deve ser "preservado" para que seus recursos sejam totalmente empregados na ação principal em melhores condições;
- a infiltração inicial deve ser conduzida por uma fração especificamente designada para garantir a segurança da ZPH e orientar o local de reorganização da SU. Esta abordagem torna o processo de reorganização mais rápido, seguro e eficiente; e
- cada fração deve receber uma tarefa específica em cada fase da missão. Essa divisão permite que os recursos sejam distribuídos de forma otimizada, aumentando a eficiência e garantindo que o objetivo final seja alcançado com maior eficácia.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA NO EXERCÍCIO DE DUPLA AÇÃO

É necessário buscar constante evolução nas TTP aplicadas contra os SARP. Ressalta-se que o EEUA também está empenhado no

desenvolvimento e aprimoramento dessas técnicas, devido à relevância atual de seu emprego.

É essencial melhorar o emprego da Turma de Reconhecimento (*Scouts*), aproveitando-os como sensores de inteligência de forma mais eficaz. Isso inclui garantir a capacidade de estabelecer comunicações rápidas e eficientes para informar com precisão a aproximação do inimigo, especialmente durante a execução de emboscadas.

É importante criar e aperfeiçoar as TTP para o reporte de inteligência, com foco na transmissão de informações críticas com máxima precisão. Isso contribui diretamente para aumentar a consciência situacional dos comandantes de fração e melhorar a tomada de decisões em tempo real.

EXERCÍCIO DE TIRO REAL (ETR)

No ETR a Cia Pioneira realizou ações sobre o objetivo utilizando munição real.

De acordo com o planejamento do Comandante da SU, o 3º Pelotão foi designado para o ataque principal, realizando o investimento em uma localidade. Essa missão apresentava um alto nível de complexidade, devido às inúmeras coordenações necessárias entre as frações, tanto nas entradas táticas quanto nos avanços para as linhas de controle.

Durante a execução dessa atividade, a utilização de munição real torna inadmissíveis quaisquer erros. Por esse motivo, após o reconhecimento do local, a manobra foi exaustivamente ensaiada, garantindo precisão e segurança.



Fig 12 – Ensaio de progressão no ETR

Fonte: o autor.

Uma atividade essencial para a realização do ETR é a validação das armas. Nesse momento, é feita uma verificação detalhada de todos os armamentos coletivos utilizados. Itens como manutenção, funcionamento, conhecimento e tato do atirador são avaliados, determinando se o armamento e o militar estão aptos a prosseguir na atividade. Caso a validação não seja obtida, o militar não participa da atividade, mesmo que eventuais panes sejam sanadas posteriormente.

Entre os armamentos validados durante o processo, destacaram-se as metralhadoras

MAG e Minimi, o Lança-Granadas 40 mm Supersix e as granadas de mão.

Durante a execução da atividade, alguns aspectos positivos foram evidenciados:

- a agressividade demonstrada pela tropa;
- a boa aproximação e ocupação de abrigos;
- a utilização das peças de metralhadora MAG como uma seção sob o comando do Cmt SU;
- o planejamento minucioso e a execução eficiente do escalonamento de fogos; e
- a variação dos regimes de tiro dos armamentos, demonstrando versatilidade e controle.

TTP DE “FORTALEZA DOMINADA”

Uma TTP empregada em ambiente urbano pelas tropas americanas é a sinalização de “fortaleza dominada”. Esta TTP foi apresentada às tropas brasileiras durante os ensaios. Devido à sua relevância e eficiência, recomenda-se sua utilização no Brasil.

A sinalização é empregada somente após a equipe tática realizar a entrada no aparelho, estabelecer a segurança de todo o ambiente e neutralizar eventuais ameaças. Após a conclusão desse processo, ao comando de “Fortaleza Dominada”, a sinalização é colocada em local visível, permitindo que observadores externos identifiquem que a instalação foi limpa, está em segurança e, possivelmente, conta com a presença de tropas amigas. Essa medida é muito eficiente para evitar fratricídios.

O procedimento de sinalização é simples: utiliza-se um painel de cores chamativas com contrapesos ou cordéis que facilitam a fixação em portas e janelas. Para Op noturnas, é adicionado um dispositivo de iluminação por reação química tipo “cyalume” na extremidade do painel, garantindo visibilidade adequada mesmo em condições de baixa luminosidade.



Fig 13 – Painel de Sinalização de fortaleza dominada

Fonte: o autor.

EMPREGO DA METRALHADORA MINIMI NO ETR

A metralhadora leve MINIMI é um armamento individual que, em condições normais, não requer um auxiliar. No entanto, durante a execução do ETR, o OCA norte-americano recomendou a inclusão de um soldado Auxiliar do Atirador para a peça. Esse auxiliar desempenharia funções como designação de alvos, ajuste do regime de tiro e coordenação de mudanças de posição e remunição.

A aplicação dessa recomendação resultou em um aumento significativo na precisão dos disparos, especialmente em alvos mais distantes. Ressalta-se que as metralhadoras empregadas estavam equipadas com a mira de precisão Specter 6x, e a presença do auxiliar contribuiu para reduzir a “visão de túnel” do atirador, ampliando sua percepção situacional.

Essas observações destacam a importância de não restringir rigidamente as formas de emprego de armamentos, permitindo ao comandante da fração maior flexibilidade para adaptar os recursos disponíveis às demandas específicas de cada missão.

Durante o ETR, ao atingir a linha de controle que delimitava o avanço, as peças de MINIMI foram empregadas como uma seção de metralhadoras. Esta abordagem permitiu um volume máximo de fogos à frente, sem intervalos



Fig 14 – Peça de Metralhadora MINIMI em posição com o Auxiliar do Atirador

Fonte: o autor.

significativos entre os remunições. Quando uma fita de munição estava prestes a se esgotar, a peça seguinte assumia a posição e iniciava os disparos, garantindo continuidade e eficiência no apoio de fogo.

OPORTUNIDADES DE MELHORIA NO ETR

Durante a execução do ETR em solo norte-americano, não foram incluídos Problemas Militares Simulados (PMS) voltados para os Auxiliares de Saúde. A realização dessa atividade seria de grande importância, pois simularia uma situação real, na qual o funcionamento eficiente da cadeia logística de evacuação médica é imprescindível.



Fig 15 – 3º Pel Fuz SI ao final da execução do ETR

Fonte: COTER.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração com todas as funções de combate tornou-se fundamental para o bom cumprimento da missão. Para isso, foi de suma importância o trabalho realizado desde a fase de preparação da CORE com elementos de Saúde, Artilharia, Engenharia e Comunicações, por exemplo.

Um ponto a se observar seria a possibilidade de que o reequipamento dos meios optrônicos para a tropa, na fase da preparação, ocorra o quanto antes. Isso permitiria maior adestramento com esse material, tendo em vista que todos os deslocamentos e ações táticas são realizados no período noturno. Logo, há a necessidade de intensificar os ensaios de todas as TTP utilizando os optrônicos à noite.

Foi perceptível que a conduta das tropas brasileiras referente à orientação continua eficiente. A utilização de GPS é indiscutível, porém não pode ser o único meio para a navegação terrestre. A confecção de Quadro Auxiliar de Navegação torna-se fundamental para atuar em terreno desconhecido em qualquer ambiente operacional.

A instrução individual básica bem desenvolvida na fase de preparação é imprescindível para o prosseguimento das Op no tocante às condutas em combate. A preparação intensa, séria e perene é fundamental para o sucesso da missão.

Diante do que foi experienciado, foi possível observar que o EEUA sempre planeja suas Op para que as suas ações sejam executadas nos períodos de escuridão. Infiltração, conquista do

objetivo, atividade logística, tudo era realizado à noite. Com isso, há um grande ganho no que diz respeito à segurança e ao sigilo.

Há também a utilização constante de meios optrônicos. Todos os dias, os norte-americanos utilizavam o OVN como meio básico para qualquer atividade no período noturno. Somado a isso, a utilização de *cyalumes* infravermelhos eleva o nível das Op por facilitar a realização das coordenações.

A situação tática de combate era vivenciada a todo o tempo. Isso traz um realismo e aumenta a capacidade operacional da tropa. Somente durante as pausas tática havia um momento de poucas horas destinados a ajustes e à realização da APA.

A constante preocupação em executar a infiltração aeromóvel com capacidade de realizar cachês com água foi importante devido ao fato de que a qualquer momento a FOROP poderia interromper a cadeia logística, inviabilizando a chegada desse suprimento.

Foi possível observar que até mesmo o EEUA busca constantes evoluções e, também, almeja o desenvolvimento de condutas para combates adaptadas ao contexto contemporâneo.

Durante a CORE 24 tivemos a capacidade de estabelecer as comunicações durante todas as fases da Op. É notório que nossa conduta a respeito do estabelecimento das comunicações permanece eficiente.

As TTP e as condutas descritas nas oportunidades de melhoria são fatores que proporcionam um ganho considerável na capacidade operacional das frações. A

dedicação, a mentalidade profissional e a disciplina fazem com que as atividades com maiores graus de risco sejam realizadas sem qualquer tipo de alteração.

Por fim, a realização de qualquer movimento de tropa sendo executado no período noturno mostrou-se crucial para mitigar possíveis contingências e vulnerabilidades que ocorreriam durante o dia.

Indubitavelmente, nota-se a importância da realização de uma Op dessa magnitude para o EB. Atuar em conjunto com o EEUA gerou ganhos relevantes à nossa Força Terrestre. O compromisso assumido neste trabalho foi o

de buscar contribuir na constante evolução da DMT baseando-se em observações na perspectiva de um Cmt Pel.

O êxito da missão dependeu de todos os envolvidos; entretanto, reforça-se que o comprometimento e a dedicação da tropa na ponta da linha foram fatores decisivos para esse sucesso.

Por fim, constata-se que o adequado preparo permitiu que a 1ª Companhia de Fuzileiros de Selva do 52º Batalhão de Infantaria de Selva pudesse evidenciar a grandeza e a força do nosso Exército Brasileiro no exterior.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Estado-Maior. CI 7-10/1: **Pelotão de Fuzileiros**. COTER, 1ª edição, 2009.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. EB70-CI-11.486: **EXERCÍCIO DE TIRO REAL DE FRAÇÃO**. Edição Experimental, 2024.

SOBRE O AUTOR

O Primeiro-Tenente de Infantaria LUAN MADDÊO PAULA é Comandante de Pelotão de Fuzileiros no 52º Batalhão de Infantaria de Selva. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2021, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Concluiu o Curso de Operações na Selva (COS) em 2022 e o Curso de Ações de Comandos em 2024. Recentemente comandou o 3º Pelotão de Fuzileiros de Selva durante a Operação CORE 24 nos Estados Unidos da América. (luan_mp2013@hotmail.com).